

ETNOGRAFIA DAS CRIANÇAS SOBRE O SABER CULTURAL DO CONGO SERRANO

¹Marina Rodrigues Miranda
²Márcia Araújo Souza Beloti

RESUMO

Este estudo de caráter qualitativo apresenta considerações acerca da pesquisa com crianças do Ensino Fundamental implicada aos intelectuais orgânicos da cultura serrana-ES em seus saberes e práticas de congo. A pesquisa trilha metodologicamente por uma abordagem de inspiração etnográfica, em que os pesquisadores têm acompanhado crianças – pesquisadores Júnior (PIC-JÚNIOR-FAPES) no lócus de pesquisa em que estes saberes se vitalizam. Incentivamos as crianças a tecerem suas escritas de campo aos seus próprios termos, concomitante a este tratado, escrituramos notas de campo acentuando os modos como as crianças apropriam-se da cultura congueira nos diálogos com os protagonistas deste imenso celeiro cultural. Nosso olhar aproximado, nossas escutas sensíveis situam-se nas crianças em suas ontologias na construção do campo que investigam/observam, conferindo as mediações elaboradas por elas na legitimidade das construções sociais identitárias estabelecidas nos diálogos com os sujeitos envolvidos, perspectivando a sensibilização, a pertença e o exercício de alteridade por parte do grupo de crianças com o legado social e cultural da comunidade congueira, arrolando novos saberes na Educação Básica por meio da apropriação do tamborizar de congo, propagando processos de humanidades.

Palavras-chave: Pesquisa com Crianças; Saberes Populares; Educação Básica.

INTRODUÇÃO

Para início de conversa, será apresentado um breve histórico para que seja compreendida as intenções dessa proposta de trabalho e os caminhos pelos quais temos percorrido para chegar nessas análises no âmbito da pesquisa com crianças.

A proposta nasceu do desejo de fazer abordagens de ensino-aprendizagens mais elaboradas, no intuito de apresentar para os alunos seus contextos de vida local e municipal e a riqueza histórica, cultural e social do povo serrano, repensado no currículo escolar e no que é atravessado por ele a partir das práticas sociais cotidianas. Para Graue e Walsh (2003), as crianças não podem manter-se intactas aos seus contextos, faz-se necessário considerar suas situações de

¹Doutora em Educação e Diversidade, professora em Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: marinarmiranda@gmail.com

²Especialista em Educação Profissional e Tecnológica, professora em Prefeitura Municipal da Serra, parceria de pesquisa FAPES – Fundação de Amparo à Pesquisa de Espírito Santo. E-mail: marcia.a.beloti@hotmail.com



vida reais e não despí-las do significado de suas ações.

Ampliando a ideia de contexto na pesquisa investigativa, os autores apontam que,

[...] contexto é mais do que um mero cenário que pode ir mudando sucessivamente – ele faz parte do retrato, emprestando vida à imagem retratada pelo investigador [...] um espaço e um tempo cultural e historicamente situado, um aqui e um agora específico [...] é o mundo apreendido através da interação e o quadro de referência mais imediato para atores mutuamente envolvidos. (IBIDEM, 2003, p. 25).

Assim, a construção de uma pesquisa em contexto é constituída a partir dos mecanismos de apropriação dos saberes e suas situações reais de vida. É a condição pela qual se estabelece novas relações e aprendizagens. É compreender seu lugar no mundo ou o que é o mundo, o dinamismo social no qual vivemos e as múltiplas culturas presentes em nosso dia a dia.

Optou-se pela pesquisa do tipo etnográfica, a terminologia adequada é assumir a “inspiração etnográfica” interpretativa, face ao objeto empírico e científico – uma pesquisa participante com crianças em seus contextos, prestando atenção às suas “particularidades concretas” (GRAUE e WALSH, 2003).

De acordo com Casa-Nova (2009), a etnografia deriva do grego *ethnos* que significa povo/cultura e *graphéin*, que significa descrever e deve ser [...] entendido como um método assente no contato directo e prolongado com os actores sociais cuja interação constitui o objeto de estudo. “Um método ainda preocupado em entender o sentido que os sujeitos conferem a sua própria acção, enquadrando aquele sentido e esta acção nas suas condições sociais e materiais de existência”. (SILVA, 2003, p. 27-28 apud CASA-NOVA, 2009, p. 58).

Na linha da sociologia interpretativa, compreende-se a etnografia como uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989), por apreender sobre os aspectos da vida das pessoas “a partir de suas próprias perspectivas e de dentro do contexto de suas próprias experiências vividas” (O’REILLY, 2005, p. 84 apud CASA-NOVA, 2009, p. 59), constituindo-se em interpretar o mundo particular “vivido por pessoas particulares em lugares particulares fazendo coisas particulares em num tempo particular” (VAN MAANEN, 1995, p.23 apud CASA-NOVA, 2009).

Por este escopo, possibilitamos as crianças ganharem o campo de estudo apreendendo, observando-os o mundo cultural do congo, “aparentemente desconhecido” em suas próprias lógicas, possibilitando-os adentrarem aos lugares encarnados em seus próprios arcabouços culturais, acessado em seus repertórios mnemônicos que os constitui enquanto sujeitos sociais e culturais, construindo a partir dos olhares investigativo aos saberes dos sujeitos que protagonizam o congo da



Serra, relacionando estes saberes aos seus próprios, produzindo identidades. No exposto atrela-se currículo, conhecimento e cultura, fundamentando práticas legitimadas de campo destes atores sociais por meio da investigação científica. Como indica Gee apud Lopes (2003), [...] cada um de nós é membro de muitos Discursos, e cada Discurso representa uma de nossas múltiplas identidades. Desse modo, construímos nossas identidades na relação com o outro e por meio das narrativas ampliamos nosso conhecimento de mundo, como se estivéssemos navegando por outros mares e sendo de alguma forma banhado por essas águas.

Observa-se então, que a pesquisa com crianças desta natureza metodológica requer um trabalho prévio para incentivá-los a autonomia na construção de diálogos com o outro, sem abrir mão do cuidado especial da ética que eles como crianças precisam adquirir como pesquisador, no que concerne à escuta sensível ao outro, [...] as crianças devem ser envolvidas, informadas, consultadas, ouvidas e crescentemente implicadas [...], garantindo assim, [...] a sua participação mais ativa no processo de pesquisa (IBIDEM, 2008, p. 150).

Isto significa considerar o sujeito criança, o que pensam, o que é priorizado por elas no âmbito da pesquisa, quais as suas intenções, quais os contributos dos seus universos de saberes contrastando aos universos dos saberes adultos do mesmo campo. Por este viés, a questão de pesquisa situou-se na reflexão da criança no caminho para a investigação proposta.

Certamente em toda ação há uma intencionalidade, em nossos primeiros contatos com o campo, ainda não havíamos amadurecidos as questões apontadas acima, dialogamos as intenções com a crianças, refletindo o campo de pesquisa por alguns dispositivos: filmes, leituras prévias de pequenos textos, no sentido de refletir conjuntamente vários modos de conhecer o “local da cultura” (BHABHA, 2013), até então, o que nos movia era pensar qual o sentido/significado que as crianças fariam da ação de pesquisa, pois a proposta do Programa PIC-JÚNIOR – Programa de Iniciação Científica Júnior, é fomentar no aluno e no professor o estudo por meio da pesquisa – E neste intuito, optamos, que o melhor modo de produção de pesquisadores do futuro, seria incentivar as crianças a construir um percurso de pesquisa em conjunto, em espaço cultural em que todos atuássemos como pesquisadores, cada um dentro do seu tempo de aprendizagens, elaborando no coletivo os percursos do projeto. A nossa ação, como profissionais da Educação, foi construir o planejamento que acolhesse as opiniões dos estudantes nas constantes discussões e reflexões na escola, sobre o propósito do estudo daquele campo específico, mantendo-se simples e respeitando as escolhas das crianças, sem emitir juízos da abordagem certa ou errada, deixá-las livres na



composição dos processos da pesquisa com os congueiros (as), e para tanto levantamos o seguinte questionamento. Como as crianças apreenderiam os saberes-fazer do congo? A pesquisa no reduto do congo potencializaria as crianças em autorias identitárias?

OBJETIVOS

O estudo tem por objetivo abrir espaços de valorização e legitimação do olhar da criança acerca de sua contribuição enquanto pesquisador, criar estratégias que possibilitem a autonomia, a criticidade e a inventividade. Almejávamos nesta primeira etapa de pesquisa, provocar relações e valores do universo cultural das crianças ao universo do congo, e no congregado de conhecimentos, observar os modos das transposições de saberes das crianças ao interpretarem a cultura observada.

A IMPORTÂNCIA DE REALIZAR PESQUISAS COM CRIANÇAS

Primeiramente deve-se destacar a importância da pesquisa na Educação Básica, lugar no qual é necessário do ponto de vista educativo, ampliar as abordagens para o fortalecimento crítico e criativo do aluno, bem como os conceitos sobre a importância de se pesquisar ainda criança até o ponto de a pesquisa se tornar a maneira escolar própria de educar (DEMO, 2003). O autor ressalta quatro pressupostos para se educar pela pesquisa:

- a convicção de que a educação pela pesquisa é a especificidade mais própria da educação escolar e acadêmica;
- o reconhecimento de que o questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política é o cerne do processo de pesquisa;
- a necessidade de fazer da pesquisa atitude cotidiana no professor e no aluno;
- e a definição de educação como processo de formação da competência histórica humana (DEMO, 2003, p. 5).

Neste congregado de palavras e conceitos também orienta os professores a desenvolverem em seus alunos habilidades e competências que estimulem a autonomia dentro de seu estágio social e intelectual, fazendo deles parceiros de pesquisa; sendo ativos, participativos, produtivos e inventivos. Desconstruindo a ideia de aluno passivo e subalterno. O aluno que queremos hoje, é um sujeito ativo, que constrói sua leitura de mundo, que se posiciona e que aponta caminhos.

Neste âmbito, propusemos situações que valorizassem as crianças em suas construções de

subjetividades na identidade da pesquisa, nas relações com os sujeitos no campo.

Para Ferreira (2008), devemos considerar as crianças,

[...] como seres dotados de inteligência, capazes de produzir sentido e com o direito de se apresentarem como sujeitos de conhecimento ainda que o possam expressar diferentemente de nós, adultos; trata-se de assumir como legítimas as suas formas de comunicação e relação, mesmo que os significados que as crianças atribuem às suas experiências possam não ser aquelas que os adultos que convivem com elas lhe atribuem (FERREIRA, 2008, p. 147).

No exposto, devemos pensar as crianças, como sujeito que produz sentido às situações vivenciadas em seu dia a dia, reconhecendo-as como sujeitos autônomos. Assim fomos a campo, observando situações que promovessem autorreconhecimentos, ampliando as autorias formativas das crianças nas experiências com seus pares e com outros sujeitos.

METODOLOGIA

Por mais que escrevemos a importância da participação da criança ativamente na pesquisa, no caminhar de construção da proposta nos equivocamos na intenção. O primeiro exercício proposto foi uma visita à universidade, e no roteiro de visita programamos um ensaio, tentando “testar” a desenvoltura das crianças em confronto direto com desconhecidos na universidade. O ensaio foi um fiasco, as crianças com pranchetas à mão, com longo roteiro de entrevistas, se perdiam no dispositivo, e foi uma situação constrangedora para todos. A autonomia não se constrói sem a participação direta da criança. Neste exercício, negamos as autorias às crianças e salvamos o dia com grande piquenique no lago da universidade, deixando que elas brincassem livremente, e nas imediações ruminávamos nossos equívocos em adulterar as práticas das crianças para ter-se sucesso na pesquisa. Este percalço qualificou as próximas ações.

Vamos narrar para esta comunicação, o encontro da presidente da ABC - Associação de Congo da Serra – Terezinha Miranda, com as crianças em roda de conversas, em que Teresinha contava a sua trajetória no congo e as crianças em suas sagacidades dialogavam com ela. Ela em sua narrativa contou que participa do congo desde tenra idade, este modo de oralizar a sua vida, pela via da história narrada, abriu precedentes para que as crianças entrassem no enredo.

O encontro foi marcado pelas múltiplas indagações dos alunos. Com conhecimentos mais amplos acerca do congo por meio das aulas campo e das intervenções pedagógicas realizadas no cotidiano das interações entre os sujeitos. O que pôde ser observado foi o grande interesse dos

alunos na história do congo da Serra.

A partir de registros fotográficos, relatos pessoais e filme, dialogamos acerca dos acontecimentos históricos e culturais que são implicados no campo investigado. Sugerimos que os alunos adentrassem nesse meio cultural para que pudessem levantar hipóteses e ampliar seus repertórios, e isso aconteceu. Verificamos que estar no campo pesquisado é caminho viável para construção dos conhecimentos de nossos alunos. São atenuados interesses da/na investigação, bem como sentidos aguçados de querer saber mais.

Os alunos tinham sede pelo conhecimento, e assim fomos observando a dinâmica da construção do ser autônomo. E nessa imensa rede de cultura destacamos os registros do Diário de Campo de uma aluna na visita a Casa de Congo e a Associação das Bandas de Congo da Serra.

“Hoje foi um dia curioso, cheio de descobertas e conhecimentos renovados, pois conheci novas coisas e novos lugares, nos ensinaram sobre a história do congo, e por que ele é festejoso, e várias coisas. Vimos várias fotografias pretas e brancas [...] além de vários instrumentos do congo: casacas, souvenirs, tambores, pandeiro, etc.”

Depois de um tempo vidrados e curiosos olhando os objetos, aprendemos um pouco sobre a história dessa cultura. [...] havia um navio trazendo escravos para o Brasil. Esse navio afundou, muitos escravos morreram, mas 25 escravos seguraram em um mastro, onde conseguiram chegar até à terra, e se salvarem. Com isso, por eles terem rezado para que São Benedito (santo preto) lhes salvassem, e seus pedidos foram atendidos, eles pediram para seus senhores, para que eles pudessem festejar à São Benedito [...] assim os escravos puderam agradecer ao santo.

[...] fomos a outro lugar onde ficava dois barcos bem grandes [...] onde também aprendemos muitas coisas sobre as bandas de congo. Fomos acompanhados pela Terezinha, filha do Mestre Antônio Rosa, que fez de tudo para que o congo fosse preservado e não fosse esquecido, como qualquer coisa. Terezinha é uma congueira que faz parte do congo da Serra, e se orgulha muito do que faz, e é muito simpática. Ela também ensinou sobre como era feita a festa do congo: o barco era todo enfeitado por flores, e possuía uma corda gigantesca que era puxada pelas pessoas até aonde o mastro seria fincado. Ela também falou sobre as bandas de congo mirins, formada por crianças de diversas idades. (Diário de campo da aluna Ana Clara Martins em 11/03/2016).

A imersão cultural e identitária foi ampliando novos olhares. A indagação sobre o instrumento casaca, um dos principais símbolos do congo nos levou a participar da oficina de casaca, na qual tivemos a oportunidade de tocar no instrumento e seguir o compasso que o mestre



congueiro nos indicou. Muitos se apropriaram rapidamente, outros precisaram de ajuda. Então, de um a um, fomos experimentando o som criado por mãos que nunca haviam tocado em uma casaca com essa finalidade. De repente, percebemos que havíamos construído naquele pequeno espaço de tempo, uma composição de nossas breves aquisições. Tocamos e também cantamos. Sim cantamos! Sentimos que aquele lugar já fazia parte de nossos cotidianos.

O congo, agora de maneira mais que especial já faz parte da história desse grupo de pesquisadores. Construimos narrativas e fomos enredadas pelo brilho glamoroso que está vivo nessa cultura. Recebemos convite para participar de evento com o congo mirim da Serra.

REDESCOBRIR-SE NA PESQUISA COM SUJEITOS CRIANÇAS

A proposta de pesquisar com a criança tem sido uma experiência fantástica. Ouvir suas experiências de mundo, compreender seus pontos de vista é muito gratificante. Todo esse movimento nasce em sala de aula, no interesse que as crianças demonstram em saber e no que é preciso fomentar para que se envolvam sempre no que é proposto.

A sala de aula é espaço privilegiado para interpretação das necessidades das crianças. Diante disso, propomos daqui por diante trazer um pouco de dados no início do processo de entrada no campo, apresentando nesta comunicação as maneiras dinâmicas e instigantes o contexto nos seus propósitos de pesquisas. Sair da sala de aula e conhecer o município da Serra: valorizando as histórias das crianças ao conhecerem, nesta primeira etapa a arte congueira em seus percursos - arrancada, puxada, arrastada e fincada do mastro de São Benedito, revendo como as crianças interpretam as artesanias culturais de congo.

Para tanto, nos primeiros encontros as crianças exercitaram o observar, o ouvir, arriscaram pouco o falar, posteriormente se tornaram seguras em narrativas dialogadas nos fóruns culturais propostos pelos agentes congueiros, e faziam interpretações e relações culturais foram reinventadas em novas dinâmicas no sentido de vivência do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos surpreendemos diante do potencial criativo de nossos alunos, percebemos que por meio da pesquisa ampliamos nossas possibilidades de intervenções, uma vez que o diálogo se torna



mais estreito. Passamos a definir melhor as estratégias de trabalho, as abordagens metodológicas pelo fato de que nós professores não estamos sozinho na investigação, temos conosco, crianças com percepções diferentes mudando nossos universos, nossos rumos em prol das lógicas dos processos de aprendizagens, agora o sentido do conhecimento já não se faz ao modo de centralizar o saber, se faz na autonomia dos saberes do coletivo, valorizar a criança em suas produções, faz toda a diferença no processo de aprendizagem, é fundamento do conhecimento; a pesquisa implicada tem nos proporcionado outros modos de construção das nossas subjetividades docentes.

O melhor de tudo é ouvir os alunos falarem com tanta propriedade de algo que até pouco tempo era desconhecido, se posicionar enquanto pesquisador participante e perceber que apesar de ainda estarem numa fase inicial da vida, eles têm muito a nos dizer. O entusiasmo com as descobertas é permanente, as perguntas brotam o tempo todo. Acreditamos que esse é o caminho. Concluímos o diálogo, no exposto de Moreira e Candau (2008, p.27)

Quando um grupo compartilha uma cultura, compartilha um conjunto de significados, construídos, ensinados e aprendidos na prática de utilização da linguagem. A palavra cultura, implica, portanto, o conjunto de práticas por meio das quais significados são produzidos e compartilhados em grupo (INDAGAÇÕES SOBRE CURRÍCULO, 2008, p. 23-24).

Sendo assim, o que aprendemos neste percurso com as crianças neste estudo localizado de saber cultural do nosso estado, precisamente no município da Serra, tem sentido diverso se propusermos para outros grupos de crianças, de outras regiões, estudantes da Educação Básica da mesma faixa etária dos 10 (dez) estudantes envolvidos na pesquisa, se propuséssemos o mesmo estudo, outras riquezas seriam produzidas, por serem outras crianças, por vivenciarem outros modos de projeções culturais, os sentidos para a cultura seriam em outras dinâmicas de conhecimentos. Sendo assim, é importante conhecermos as identidades dos estudantes em seus patamares de crianças para construir atividades acentuadas em consonâncias identitárias, etárias e geracionais.

No caso de pensar a criança como sujeito dotado de experiência a ser partilhada, é um rico processo de aprendizagem educativa social – reconhecer a criança como ator social é ver e conhecer o mundo em outra perspectiva, tão legítima quanto as nossas de professores - pesquisadores, este exercício de respeito, deve ser experimentado em qualquer lugar, em qualquer tempo, em espaços formais e não formais de educação.



REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. 2ª edição. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6ª ed., Campinas – SP: Autores Associados, 2003.
- FERREIRA, Maria Manuela Martinho. **“Branco demais” ou... Reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças**. In. Estudos da Infância. Orgs. SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Petrópolis – RJ, Vozes, 2008.
- GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. **Investigação Etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2003.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa, CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre o Currículo**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2008.